

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. **Pisando fora da própria sombra**: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 445 p.

*Flávia de Almeida Moura**

Um estudo sobre a chamada “escravidão por dívida”, na Amazônia, nos tempos atuais. Além de discutir conceitos sobre o trabalho escravo contemporâneo, a partir da releitura de autores que já escreveram sobre o tema, como José de Souza Martins e Neide Esterci, o autor, que é padre e atuou como membro da CPT (Comissão Pastoral da Terra) por mais de 20 anos no município de Conceição do Araguaia, localizado no sul do Pará, reuniu seu acervo de depoimentos de militância desde a década de 70 — quando estudava estratégias de violação dos direitos humanos—, e enriqueceu a análise a partir de entrevistas mais longas e depoimentos de trabalhadores, fazendeiros, empreiteiros e até pistoleiros, realizadas com o objetivo de construir sua tese de doutorado, defendida pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), que resultou nessa publicação, em 2004.

O autor utilizou as categorias *estabelecidas e outsiders*, de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), para classificar duas regiões diferentes de origem dos trabalhadores que eram “escravizados” no sul do Pará: o município de Barras (PI) e alguns municípios da região nordeste do Mato Grosso. Barras, local mais antigo, onde as pessoas se conheciam melhor e havia uma “coesão grupal”, começa a ser representada como *estabelecidos* e, região nordeste do Mato Grosso, de ocupações mais recentes, com relações mais frágeis e conflitantes, caracterizada como *outsiders*. O autor notou mudanças de comportamento entre os dois grupos de trabalhadores que, mesmo encontrados trabalhando no mesmo local, eram oriundos de lugares diferentes.

Figueira deixa claro que se interessa mais pelos casos-limite e as perguntas vão nessa esfera. O livro traz reflexões sobre o sonho, o lazer, o medo, a obediência, a hierarquia, a resistência e a violência, a partir das representações dos trabalhadores “vítimas” da escravidão contemporânea na região sul do Estado do Pará.

Ao tratar das viagens até o local de trabalho, o autor fala dos migrantes que percorrem outras “geografias” além da física. Para isso, se apropria de algumas reflexões de Sayad (1998). As surpresas com o novo, os laços de afetividade rompidos e a insegurança são características marcantes dos

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA

migrantes, tratadas no livro. Figueira dedica um capítulo inteiro aos fluxos migratórios de trabalhadores e, neste sentido, discute questões como o estranhamento e a vulnerabilidade de estar longe de casa.

Quando o autor discorre sobre as entrevistas, utiliza o conceito de *representação e teatro* de Geertz (1991), e também fala dos discursos e das práticas sociais, presentes, principalmente, nos depoimentos de trabalhadores que são aliciados em seus Estados (PI e MT) e seguem para o Pará com esperança de uma vida melhor, ou simplesmente encaram a escolha como uma alternativa ao desemprego, ou ainda, à mudança de vida, seja ela qual for.

O medo é outro aspecto que o autor busca entender, a partir da perspectiva de trabalhadores que se dizem acometidos por esse sentimento, principalmente com relação à morte, mas também com relação à condição de insegurança que vivenciam nas fazendas, distantes de casa e de suas famílias. O medo é um sentimento que aparece em vários momentos das entrevistas, incentivando ou inibindo a fuga dos locais de trabalho ou até mesmo presente no momento de voltar para a casa.

A hierarquia, o status e a obediência são outros aspectos abordados por Figueira, presentes tanto nos locais de trabalho (fazendas do sul do Pará, no caso), quanto nos ambientes familiares, entre os trabalhadores; entre trabalhadores e empreiteiros (gatos), ou mesmo entre o gerente da fazenda e o seu proprietário. Para explicar essas relações, o autor utiliza a categoria “cadeia de mando”, para expressar a forma como o trabalhador recebe ordens do chefe da turma, que obedece ao reta-gato e ao fiscal. E estes, por sua vez, obedecem ao gato e ao gerente da fazenda.

Para trabalhar com o “dito” e o “não-dito” nas entrevistas, o autor utiliza conceitos de Michael Pollak (1993), entendendo que a memória pode ser contraditória e ou complementar, e que o silêncio, muitas vezes pode ser necessário e dizer muito mais do que as palavras.

No capítulo intitulado “Os acusados falam”, Figueira utiliza como fontes de informação depoimentos em inquéritos policiais, peças de processos judiciais e entrevistas dos fazendeiros na imprensa. Para o autor, os proprietários das fazendas acusadas de incorrer na prática da escravidão, em geral, negam a acusação e defendem seus empreiteiros.

A fuga, uma das principais formas de resistência dos trabalhadores encontrados na situação de vítimas do trabalho escravo, também mereceu um capítulo na tese, que traz para o leitor uma rica bibliografia, com títulos de livros, relatórios e demais trabalhos que tratam do tema da escravidão contemporânea no Brasil, na América Latina e no mundo.

Como afirma Esterci no prefácio do livro, Figueira, ao escrever uma dissertação e uma tese sobre o tema, abriu novos espaços de militância e mobilização, desta feita junto a intelectuais e artistas.